

Pobreza e doença: a trajetória de uma sobrevivente

Marina trabalhou nos seringais quando criança e se contaminou com mercúrio

• BRASÍLIA. Da vida miserável nos seringais do Acre para a cúpula do governo em Brasília, a trajetória de Marina Silva muito se parece com a do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Criança pobre que acompanhava o pai no trabalho dos seringais, passou fome, frio e medo de animais na floresta. Analfabeta até os 16 anos, sobrevivente de doenças tropicais e de contaminação por mercúrio, foi companheira de Chico Mendes na defesa do meio ambiente.

Nascida numa plantação de seringueiras chamada Breu Velho, no Seringal Bagaço, a 70 quilômetros de Rio Branco (AC), Marina viu três dos seus irmãos morrerem ainda crianças. Para ajudar o pai a pagar dívidas, ainda garota, aprendeu a cortar seringueiras e a plantar, caçar e pescar. Foi por acaso que conseguiu ser alfabetizada. Depois de contrair hepatite, teve que ir para a cidade em busca de tratamento. Lá ficou, trabalhando como doméstica para poder estudar.

Conseguiu uma vaga para morar com as freiras, pois pensava que essa era a sua vocação. Depois do Mobral, matriculou-se no supletivo e conseguiu terminar os estudos. Aos 20 anos, tentava uma vaga na universidade. Na convivência com as Comunidades Eclesiais de Base descobriu os movimentos sociais.

Grávida da primeira filha, entrou na universidade e iniciou sua militância estudantil participando de grupos de oposição ao regime militar. Em 1984 já estava fundando a CUT do Acre

ao lado de Chico Mendes. Foi por influência dele que se filiou ao PT em 1985 e, em seguida, se candidatou a deputada federal. Não conseguiu se eleger porque o PT não alcançou quociente eleitoral.

Em 1988 foi a vereadora mais votada de Rio Branco e revolucionou a política local ao recusar benefícios, que considerava injustos, que eram direito dos vereadores. Em 1990, candidatou-se a deputada estadual na chapa que levou o hoje governador reeleito, Jorge Viana, ao segundo turno das eleições.

Já deputada estadual, sua saúde começou a dar novos sinais de fragilidade. Somente com exames feitos nos Estados Unidos descobriu que havia sido contaminada por metais pesados, consequência de tratamentos contra a malária na época em que ainda morava no seringal. Até hoje a senadora tem um controle rigoroso da sua alimentação, da qual foram riscados definitivamente produtos artificiais e industrializados.

Com a saúde debilitada, enfrentou uma disputada eleição para o Senado em 1994. Em pouco tempo chamou a atenção do Congresso para a sua luta ambientalista e se tornou referência no assunto. Seu trabalho na área foi reconhecido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e também no exterior, onde já recebeu prêmios pela sua atuação parlamentar na área ambiental. (I.A.)